

**“FACUNDO – CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE”: UMA INTERPRETAÇÃO DA ARGENTINA PÓS-INDEPENDÊNCIA.**

**Rafael Ricarte da Silva**

**RESUMO**

Neste artigo procuramos fazer uma discussão da obra de Domingos F. Sarmiento, *Facundo: civilização e barbárie*, buscando analisar como este autor trabalhou com a figura de Facundo Quiroga para entrar numa discussão acerca do que entendia sobre civilização e barbárie numa Argentina pós-independente, sem deixar de compreender seu livro dentro de uma contextualização histórica na qual o autor e a própria história Argentina pertencem.

**Palavras-chave:** Facundo; Sarmiento; Argentina pós-independência.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo propõe discutir as colocações feitas por Domingo F. Sarmiento sobre a Argentina pós-independência. Seu livro, *Facundo: civilização e barbárie* trabalha com a figura de Facundo Quiroga procurando entrar numa discussão acerca do que seja civilização e barbárie para ele neste período. Para tanto, penso que seja imprescindível refletir, acerca do que era essa Argentina, ou seja, contextualizar historicamente sua obra e o próprio autor.

As condições favoráveis dos Pampas argentinos fizeram esta região ser um importante centro nesta área de dominação espanhola. Buenos Aires vai ser capital do Vice-Reino do Prata e se configurará como eixo central nas disputas entre os criollos e o império espanhol. Após este período de dominação, os novos Estados latino-americanos conseguiram sua independência política, porém mantiveram sua dependência econômica, agora diretamente ligada à Inglaterra. Segundo Marcos Kaplan a Grã-Bretanha:

vai impondo a incorporação definitiva dos países latino-americanos à economia internacional sob seu controle, e ao mesmo tempo, sua reestruturação interna.<sup>1</sup>

Mas ainda segundo ele, “a Grã-Bretanha não pretende exercer diretamente o poder político na América Latina, nem permitir que outras potências o façam. O interesse econômico deve predominar, com premissa de boas relações políticas, que por sua vez devem servir ao primeiro”.<sup>2</sup>

Como podemos ver a Argentina desse período pós-independência, assim como os outros Estados, estará ainda submetida economicamente a uma outra metrópole. No caso argentino, a ruptura política definitiva veio com a revolução de 25 de maio de 1810 e a independência formal em 09 de julho de 1816. Na Argentina, deposto o vice-rei, uma junta provisória se constituiu e seguiram-se lutas entre republicanos e monarquistas. Para Sarmiento, o movimento de independência da América vai estar atrelado aos movimentos europeus:

em toda a América eles nasceram da mesma origem, a saber, o movimento das idéias européias. A América agia assim porque assim agem todos os povos.<sup>3</sup>

A independência fez brotar uma guerra civil que perdurou por anos a fio. Os federalistas do interior (fazendeiros conservadores, apoiados pelos *gaúchos* e os trabalhadores rurais) exigiam autonomia provincial, enquanto os unitaristas de Buenos Aires (comerciantes cosmopolitas que buscavam capital, imigrantes e idéias européias) defendiam um governo forte centralizado em Buenos Aires. A Argentina na década de 30 do século XIX vai ser uma federação de províncias unidas sob a força de Juan Manuel Rosas que tinha o apoio, principalmente, da elite proprietária de terras. Como dissemos anteriormente, federalistas e unitários irão polarizar as disputas em torno de variados temas. Rosas vai impor na Argentina uma cassada aos unitários onde gritos de “morram os unitários” serão sempre ecoados em seu governo. Para Kaplan, com a formação do Estado Nacional na América Latina:

a nova sociedade constituiu-se lentamente, cheia de vícios coloniais, e não facilita a introdução e o redomínio da mercantilização e da racionalidade capitalistas.<sup>4</sup>

Temos aqui um pensamento que vai ao encontro das proposições que Sarmiento coloca onde a revolução gerava “*instintos hostis à civilização européia e a toda organização regular*”.<sup>5</sup> Encontramos aí uma configuração da Argentina pós-independência na qual o discurso empreendido por Sarmiento encontrara eco.

Domingo Faustino Sarmiento era membro de uma família pobre que tinha poucos recursos econômicos e educacionais para servir este filho. Sarmiento nasce em 1811, em San Juan, sua infância e formação foram profundamente influenciados pela sua mãe. Sarmiento foi um autodidata e suas experiências e lembranças daquela época estão publicadas em “Recuerdos de Província”. Neste livro segundo Lygia Baeta ele expressa uma certa amargura frente aos doutores formados dentro de uma normalidade escolar. Ele vai atrelar sua vida à história da pátria onde a infância seria a encarnação da era colonial e a fase adulta a República que nascia. Sarmiento declara-se unitário desde sua entrada na vida política argentina. Com as perseguições dos federalistas ficará exilado no Chile por vários anos onde escreve pela primeira vez *Facundo: civilização e barbárie* em folhetim para um jornal no qual trabalhava. No Chile teremos uma contradição de Sarmiento na medida em que ele nega apoio aos liberais chilenos para as eleições e apóia os conservadores, pois percebe que estes iram ganhar as eleições e apoiando-os poderia tirar proveitos mais tarde. Como Sarmiento vai apoiar um grupo de conservadores já que ele na sua terra natal estava sendo perseguido por forças políticas dessa mesma ordem?

Seu texto mais conhecido e criticado, *Facundo*, é uma obra que trás um simbolismo de idéias como necessárias à compreensão da dualidade Civilização x Barbárie na construção da identidade e nação argentina. Apesar de seu livro conter vários aspectos negativos: o determinismo geográfico e físico, a dualidade entre campo/cidade e civilização/barbárie para poder lançar mão de suas posições políticas, temos que levar em conta a época na qual ele escreveu, o que leu, bem como as pretensões que ele tinha ao escrever esta obra. O texto utiliza-se da tradição romântica literária como agente que apresenta a biografia de Facundo Quiroga. A escrita deste livro estará acentada sob o pouco conhecimento empírico da situação geográfica a qual o autor pretende se ater. Outra característica de sua escrita é que busca escrever uma história oficial já que não existia uma escrita da Argentina que atendesse a esse quesito, assim como em demais ex-colônias irão surgir escritos para legitimar o passado e o futuro de uma nação. Seu livro vai sofrer inúmeras críticas por conter erros de datas, fatos e personagens narrados em suas histórias. Mas Sarmiento vai responder a essas críticas dizendo que:

O Facundo padeceu dos defeitos de todo fruto da inspiração do momento, sem auxílio de documento à mão, executado assim que foi concebido, longe do teatro dos acontecimentos e com o propósito de ação imediata e militante.<sup>6</sup>

Sarmiento no texto argumentará dizendo que uma história imparcial só pode ser feita a partir de dados onde o instigador (aquele que irá escrever) encontrará elementos. Vai deixar claro que sua escrita não busca essa imparcialidade e que a partir dos acontecimentos e inclinações políticas seu texto irá sofrer mudanças como à supressão da introdução e dos dois últimos capítulos em posteriores edições.

No livro podemos encontrar dentre outras influências as dos deterministas geográficos que explicam as ações humanas pelas condições que o meio oferece para estes. Segundo estas teorias geográficas de Ratzel e Vidal de La Blache o meio vai determinar os tipos de pessoas que existiram dentro daquele determinado espaço regional, conhecidos como “gêneros de vida”. Os tipos definidos pelo autor, como sendo os argentinos são: o vaqueano, que conhece como ninguém a planície e as direções dos campos por onde anda; o rastreador, que segundo o preceito popular reconhece as pegadas e passos identificados na vasta planície pampeira; o cantor que através de suas rimas e canções transmite os costumes nacionais e suas aventuras nestas cantorias onde sempre estava rodeado de outros gaúchos; e finalmente o gaúcho mau que para Sarmiento é um tipo singular, misterioso que habita os pampas, impondo a sua maneira, as suas regras e fazendo a lei com as suas próprias mãos. Para Sarmiento, o país está povoado de acordo com as condições que a fisionomia imprime a população. Ainda sob a influência determinista argumenta que:

os acidentes da natureza produzem costumes e usos peculiares a estes acidentes, fazendo com que onde estes acidentes se repetem tornam a ser encontrados os mesmos meios de enfrentá-los, inventados por povos diferentes.<sup>7</sup>

Como podemos ver, ele expressa a idéia de que sendo as características dos lugares iguais, as ações humanas serão iguais. Essa influência vai ser expressada entre outras coisas na própria organização do texto, onde ele parte da caracterização do meio como forma de explicar os tipos argentinos e a posterior dicotomia entre civilização e barbárie. Quando vai enfocar o clima, a natureza para caracterizar estes espaços do campo (províncias) e da cidade vai dizer que no campo a insegurança é permanente e

habitual e que Buenos Aires (cidade) está destinada a ser a maior de todas na América, pois tem todos os recursos naturais disponíveis para que isso ocorra. Outra influência que podemos colocar nas proposições de Sarmiento é a da frenologia que tentava explicar as ações, a personalidade das pessoas pela sua estrutura física, principalmente, o crânio. Podemos visualizar isso quando Sarmiento procura caracterizar as ações de Facundo pela sua aparência com o tigre. É uma comparação com o tigre dos los Llnos, temido e Facundo que também após empreender algumas de suas arbitrariedades o será também:

Facundo era de estatura baixa e robusta; suas costas amplas sustentavam sobre um pescoço curto uma cabeça bem formada, coberta de cabelo muito espesso, negro e crespo. Seu resto, um pouco avalado, estava afundado no meio de um bosque de pêlo, uma barba igualmente espessa, igualmente crespa e negra, que subia até os pômulos, bastante pronunciados, para descobrir uma vontade firme e tenaz.<sup>8</sup>

Outra caracterização será a miscigenação do povo argentino mediante a junção da raça negra, dos espanhóis e dos indígenas. Vai dizer que essa junção produzirá um todo homogêneo que se distingue por seu amor a ociosidade e incapacidade industrial. O livro serve como instrumento de batalha pela construção e organização do Estado Nacional. Seu livro vai estar permeado de sua posição política pelos unitários e contra os federalistas. Sarmiento vai fazer uso de vários aspectos e nuances para inferir o que para ele era essa dicotomia entre civilização e barbárie que estava expressada na oposição entre campo e cidade. Segundo ele, as cidades após a Revolução de 1810 vão sendo consumidas pela barbarização que estava devastando o interior argentino, neste processo “*a destruição das cidades e sua decadência, do mesmo modo que não prevê a barbárie total para que caminham visivelmente os povoados do interior*”<sup>9</sup> não tomará conta de tudo, pois ainda segundo ele essa barbarização não era natural haja vista que a história dessas cidades do interior estavam aí para provar essa colocação. Um fator identificado ao campo, em especial, é a questão dos caudilhos. Os caudilhos surgiram durante o movimento de independência. Eram chefes locais que irradiavam forte magnetismo pessoal, autoritarismo, carisma, de forte atuação no quadro de instabilidade política na América Latina independente. Sarmiento vai caracterizar o caudilho argentino como sendo:

um Maomé que poderia mudar à vontade a religião dominante e forjar uma nova. Tem todos os poderes; sua injustiça é uma desgraça para sua vítima, mas não em abuso de sua parte, porque ele pode ser injusto; sempre o foi.<sup>10</sup>

Sarmiento salienta que todos os caudilhos argentinos foram comandantes de campanha, destacando Facundo e Rosas e que essas campanhas são os pontos de partida para suas futuras ambições. Esse caudilhismo vai conseguir costurar uma unidade entre as províncias do interior argentino e posteriormente realizará a unidade republicana pela força.

Civilização e barbárie, que é a questão central da obra de Sarmiento, expõe as conquistas de Facundo Quiroga, buscando aspectos (naturais, sociais, econômicos, políticos) para enfatizar essa dicotomia existente entre dois mundos existente um mesmo país. Para ele civilização representaria:

a cultura de boas maneiras, o refinamento dos costumes, o cultivo das letras, as grandes empresas comerciais, o espírito público de que estavam animados os habitantes.<sup>11</sup>

A barbárie seria o individualismo, a privação do meio, a comodidade, a hostilidade, etc. Esta dicotomia estará acentuada em sua explanação sobre as cidades. Para ele Buenos Aires seria o reduto da civilização, pois esta cidade apesar das arbitrariedades sofridas “*pode voltar a ser o que foi, porque a civilização européia é tão forte ali que, apesar das brutalidades do governo, há de sustentar-se*”.<sup>12</sup> Já as outras cidades do interior estarão sofrendo com a barbarização na medida em que perdem todos os seus filhos ilustres, suas riquezas e a população neste processo de aniquilamento por parte do caudilhismo bárbaro que devasta tudo por onde passa. Um aspecto que vai salientar essa relação entre civilização e barbárie para Sarmiento será a própria vestimenta que se usa nestas localidades:

O homem da cidade veste o traje europeu, vive a vida civilizada tal como a conhecemos em toda parte; ali estão as leis, as idéias de progresso, os meios de instrução (...) Saindo do recinto da cidade tudo muda de aspecto: o homem do campo usa outro traje, que chamarei americano por ser comum a todos os povos; seus hábitos de vida são diferentes; suas necessidades, peculiares e limitadas; parecem duas sociedades distintas, dois povos estranhos um ao outro.<sup>13</sup>

Existe outro elemento que para ele também complementa essa diferenciação, a educação que é o meio de ligamento com o mundo civilizado, característica existente na cidade, pois no campo o desenvolvimento da instrução e da inteligência não é executada sendo somente fator físico. Este dualismo entre cidade/campo e Buenos Aires/províncias do interior será uma constante no texto. Creio que podemos fechar esta questão com as próprias colocações de Sarmiento onde mais uma vez ele nos fala da Buenos Aires civilizada e esta outra parte argentina sedente de civilização e tomada pela barbárie:

O que ora nos interessa saber é que os progressos da civilização se acumulam em Buenos Aires somente; o pampa é um péssimo condutor para levá-la e distribuí-la nas províncias”.<sup>14</sup> e esta **República Argentina era** “solicitada por duas forças unitárias: uma que partia de Buenos Aires e se apoiava nos liberais do interior; outra que partia das campanhas e se apoiava nos caudilhos que já tinham conseguido dominar as cidades; a primeira, civilizada, constitucional, européia; a outra, bárbara, arbitrária, americana.<sup>15</sup>

Um último ponto que gostaríamos de analisar na obra de Sarmiento é o grau de importância e ligação que ele estabelece entre as figuras de Facundo e Rosas com a história dessa Argentina pós-independência e unida pela força bruta destes caudilhos, bem como a proposta dos unitários para o futuro do país.

Juan Facundo Quiroga é o arquétipo do caudilho, do gaúcho mau, representante do espírito bárbaro do pampa avesso a qualquer forma de civilização onde procura destruir o espírito da cidade iluminada pela sabedoria européia. Sarmiento procura explicar a revolução argentina através da história de Facundo por acreditar que este representa uma das tendências que irá marcar este processo: ele será a manifestação da barbárie. A caracterização de Facundo feita por Sarmiento expressa bem como ele via esta figura:

ignorante, bárbaro, que levou por longos anos uma vida errante, que só iluminam de vez em quando os reflexos sinistros do punhal que giram em torno de si; valente até a temeridade, dotado de força hercúleas, gaúcho a cavalo, como o primeiro, dominando tudo pela violência e o terror, não conhece outro poder além da força bruta (...).<sup>16</sup>

Quiroga morre após percorrer grande parte da Argentina levando a desordem e conquistando o poder. Seu sucessor, Juan Manuel Rosas, vai organizar segundo Sarmiento um despotismo com toda a inteligência de um Maquiavel. O governo de Rosas (sua administração) vai ser caracterizada por Sarmiento como um governo que age como uma “*Estância de gado*” pois além de governador ele era proprietário e esta última função ele exercia muito bem. Rosas exercia o julgo supremo sobre os outros governadores, mas para ele isso não era o suficiente, queria restaurar o antigo vice-reino de Buenos Aires. Esse pensamento fausto de Rosas vai fazer com que ele entre em conflito com os franceses e rogue para si a defesa da Independência da América. Sarmiento caracteriza seu governo como sendo:

tudo o que temos de bárbaro, tudo o que nos separa da Europa culta, mostrou-se a partir de então na República Argentina organizado em sistema e disposto a formar entre nós uma entidade separada dos povos de procedência européia um governo que defendia e pregava o americanismo como justificativa.<sup>17</sup>

No último capítulo de sua obra, *Presente e Futuro*, Sarmiento faz uma contraposição de idéias e práticas existentes no governo de Rosas com as de um governo no qual seus pensamentos e de seus companheiros estarão em prática. Para Sarmiento agora com o fim do governo de Rosas e suas arbitrariedades temos reservado para a Argentina um futuro de progresso, pois as forças opostas agora estavam juntas contra Rosas e sua barbárie e a favor da civilização.

Vimos, portanto, que a história inicial da República Argentina vai esta atrelada à história de vida pessoal dessas figuras caudilhas que subjugam o governo em nome de causas próprias. *Facundo: civilização e barbárie* é um livro no qual o autor busca em vários aspectos mostrar o dualismo existente na Argentina do século XIX, através da figura única de um caudilho que expressa um lado desse dualismo entre o que é civilização e o que é barbárie neste contexto. Seu livro ao propor esta questão encontrara eco, positivo ou negativo, em toda a América, pois tocava em aspectos que permeavam a vida política e social de vários países.



## NOTAS

---

<sup>1</sup> KAPLAN, Marcos. Desintegração e dependência. In: IDEM. *Formação do Estado Nacional da América Latina*. Tradução. Lygia Maria Baeta Neves. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974. p. 125.

<sup>2</sup> KAPLAN, Marcos. Desintegração e dependência. op. cit., p. 122.

<sup>3</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 113.

<sup>4</sup> KAPLAN, Marcos. op. cit., p. 125.

<sup>5</sup> SARMIENTO, Domingo F.. *Facundo: civilização e barbárie*. op cit., p. 115.

<sup>6</sup> Id. Ibidem. p. 62.

<sup>7</sup> Id. Ibidem. p. 86.

<sup>8</sup> Id. Ibidem. p. 131.

<sup>9</sup> Id. Ibidem. p. 117-118.

<sup>10</sup> Id. Ibidem. p. 108.

<sup>11</sup> Id. Ibidem. p. 123.

<sup>12</sup> Id. Ibidem. p. 125.

<sup>13</sup> Id. Ibidem. p. 74.

<sup>14</sup> Id. Ibidem. p. 69.

<sup>15</sup> Id. Ibidem. p. 173.

<sup>16</sup> Id. Ibidem. p. 203.